

Escrevendo o currículo em meio à pandemia: futebol e os corpos não-existentes

Flávio Nunes dos Santos Júnior

O ano letivo de 2019 findou com marcas de esperança, desejos, vontades, realizações. O querer das férias tomava conta dos corpos estudantis e docentes numa unidade educacional pertencente à rede municipal de ensino de São Paulo situada na zona sul, distrito do Capão Redondo. Uma escola atravessada pela multiplicidade de afetos, existências, conhecimentos.

Último ano letivo vivido inteiramente antes da pandemia, as atividades se faziam em meio à efervescência estudantil. A tematização construída diariamente colocava à prova a estrutura rígida que acompanha a instituição moderna chamada escola. Buscou-se constituir encontros como a vida. Educandos dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental ocuparam o chão de cimento da quadra no mesmo momento. As diferenças de faixa etária nada impediam, era algo celebrado, e a produção de conhecimentos sobre a prática corporal em tela se dava com o outro independentemente da idade.

Uma dinâmica iniciada a partir de conversas com outros docentes, especialmente Ana Carolina Torres¹ e Felipe Nunes Quaresma², que fora promovida no primeiro semestre tratou de experimentar e debater a ocorrência social da bicicleta, skate e patins³. Prática que enfrentou muita resistência daqueles que recorrem ao discurso da segurança para segregar, separar, fragmentar, compartimentar, os corpos estudantis.

Iniciado o segundo semestre, acreditamos ser relevante dedicar atenção à dança. Funk, ciranda, forró e dança contemporânea compuseram as conversas e as vivências. Mês de outubro, percebemos que seria o momento de alterar o tema, a chave foi virada para o esporte. Não foram poucas as vezes que tivemos que explicar à gestão e demais colegas as razões de não o selecionar para estudo. “Vocês são contra esporte?”. “Os alunos adoram esporte”. “Temos de criar a semana esportiva”. “Campeonatos”. Dialogamos, expusemos nossos pontos de vista sem achismos, buscamos apoio na literatura que pauta o chamado currículo cultural de Educação Física.

Explicamos por diversas vezes que escolher práticas corporais que não são exclusivamente vistas como esportivas não significa que somos anti-esporte, não quer dizer que queremos retirar o esporte do currículo. Muito pelo contrário, cremos ser necessário criar situações didáticas que oportunizem discussões, vivências, experiências, que ajudem as/os

¹ Professora de Arte da unidade.

² Professor de Educação Física responsável pelas aulas das turmas de Ensino Fundamental I.

³ Para acessar a apresentação do relato, clique [aqui](#).

estudantes a compreender a sua ocorrência social. Todavia, não é justo com os estudantes dedicar nove anos de Ensino Fundamental à cultura do rola bola das quatro modalidades hegemônicas (basquetebol, handebol, voleibol e futebol), aliás, não é honesto fazer isso se quer uma vez. Vale frisar que a seleção do tema não tem a ver com questões técnicas, mas sim políticas.

Diante de tantas afirmações, ponderações e questionamentos, acreditamos ser razoável iniciar a tematização do futebol. Último bimestre do ano letivo, perguntamos às/aos estudantes quais experiências já tiveram, quais acontecimentos acerca do futebol eles e elas sabiam. Realizamos vivências, e novamente, estudantes do Fundamental I e II jogaram juntos. Momentos que nos ofereceram perguntas, dúvidas, sensações. Admitimos como intenções da tematização: analisar a ocorrência social do futebol na nossa comunidade; identificar as subjetividades autorizadas, ou melhor, as não autorizadas a jogarem. Por que?

Antes da explicação, quero abrir parênteses para uma observação, trata-se do mês de novembro. Várias situações de atropelos (feriados, ausências, reuniões). O calendário da unidade reservou uma semana para promover atividades voltadas à pauta racial. Uma dinâmica muito questionável, servindo de perfumaria, uma prática turística, que realiza apenas passeios sobre um tema complexo, pois passado esse período, tudo volta à branquitude, aliás, esse pouquíssimo tempo para debater a cultura afro-brasileira e africana apenas contribui para manutenção do *status quo*, da racionalidade dominante (colonial, patriarcal, capitalista) e da própria branquitude.

Ao alertar os docentes e a gestão das ciladas dessa dinâmica, enfatizamos que o assunto atravessava nossas aulas ao longo do ano. Perguntamo-nos: seria razoável fazer resistência a esse tipo de atividade boicotando-a? Quais atividades poderíamos fazer nesse curto espaço de tempo? Em meio às inquietações, percebemos ser viável conectar a tematização de futebol às intenções do trabalho que a unidade programou para o mês. Perguntávamo-nos: de que modo? E aqui fecho parênteses para retomar a explicação das intenções admitidas inicialmente e expor as conexões com a semana do calendário escolar.

Na conversa inicial, as/os estudantes relataram os locais acessados para promoção do futebol - quintal, beco, escola, rua, garagem, campos, quadras, sala de casa, praça, parque -, assim, supusemos que seria razoável entendermos melhor como se dá esse processo, quais corpos acessam e produzem esses lugares.

Cientes que o território é constituído por vidas negras, trabalhadores e trabalhadoras, pessoas que carregam consigo histórias, memórias, registros, consideramos ser de grande valia abrir espaço para esses sujeitos narrarem suas experiências com a prática do futebol na região.

Para isso, convidamos representantes do futebol de várzea, moradores da nossa comunidade. Criamos um ambiente favorável. Montamos um varal com camisas dos times do território.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Gederson e Luizinho partilharam suas memórias, narraram a luta pela manutenção dos espaços, mostraram imagens relacionadas às condições do campo atualmente e no passado. Grama sintética, alambrado, refletor, vestiário com instalação de chuveiro e iluminado são os elementos notáveis pelos estudantes quando passam perto do local. “Será que sempre foi assim?”. “Como era antigamente?” Terrão, buracos, barro, mato nas laterais, cal para fazer as demarcações laterais, de fundo e do meio. Esses são apenas alguns dos elementos que marcavam a existência dos campos de futebol de várzea da região. “Quais times jogavam?”. Eledy, Milianos, Última Hora, Nada a Perder, Botafogo, Aliados Fortes, Jerivá, Vem que Tem, Ponte Preta, Fortaleza, Aurélio, Casarão.

O encontro entre as crianças e os convidados favoreceu uma conversa alinhada à luta da periferia pela manutenção de seus espaços. Possibilitou a partilha e a produção de conhecimentos que acompanham a constituição do futebol numa comunidade cheia de potencialidades, porém um território discursivamente colocado como estritamente violento, miserável, pelas estruturas dominantes.

Além dessas conversas, em outra ocasião, realizamos vivências, o grupo se entusiasmou. Logo de início a frase “Todo mundo gosta de futebol” – dita reiteradas vezes por muitos que faziam questão de pedir bola ao longo da tematização da bicicleta, skate e patins -, nos

atravessou. “Todo mundo? Quem é esse todo mundo? Será que todo mundo joga?”. Eufórico com a oportunidade de jogar, um grupo logo se articulou e ocupou o centro da quadra. Observei quem estava envolvido: na maioria meninos. Mas quais meninos? Aparentemente aqueles que carregavam em seus corpos as habilidades requisitadas na modalidade. Havia também alguns que nem dominavam os códigos, mas pelo simples fato de serem meninos, já estavam credenciados a atuarem. E as/os demais? Onde estavam as/os demais? Estavam na lateral, encostadas/os no alambrado. “Por que vocês não vão jogar?”. “Eu não sei”. “Ah, eu não gosto”.

Sorrisos, alegria, raiva, preocupação, suor, sede, sentimentos movidos pelo rolar da bola. O rosto de quem estava jogando radiava expressões. E quem estava na lateral da quadra? Observava. Fazia leituras do que via. O jogo foi interrompido. Pergunto: “vocês vivem dizendo que todo mundo gosta de futebol. Quem é todo mundo?”. “E eles? E elas?”. “Eles não querem jogar”. “Como não?”. “Vocês perguntaram?”. “Eles não jogam porque não querem”.

O ambiente estava propício para alguns jogarem, enquanto outros permaneciam com suas vontades tolhidas. A estrutura orquestrada não deu brechas para certos corpos se posicionarem. Estava naturalizado que o futebol é para quem sabe, para quem tem intimidade com seus códigos ou para quem possui traços de uma certa masculinidade.

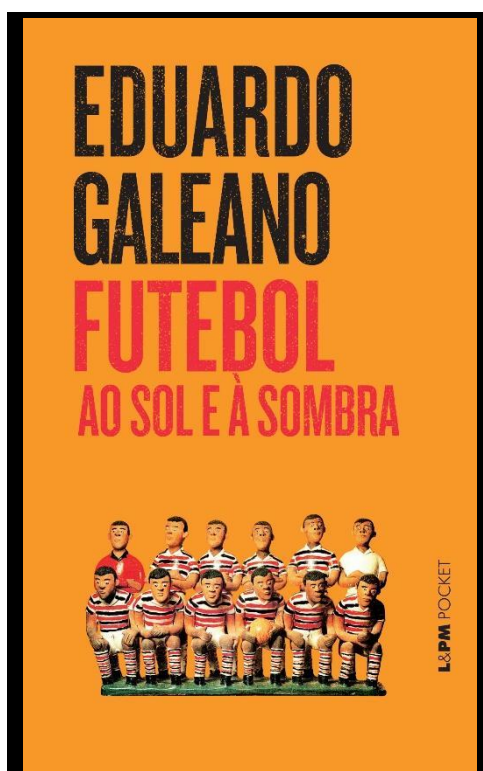
O grupo foi convidado a analisar a situação, quem estava de fora demonstrou interesse. A expressão presente na face de quem jogava revelou muita coisa, a testa franzida deu a entender a instalação de incômodo, descontentamento, aborrecimento, chateação. Mexia-se numa arena espinhosa, o privilégio de uns estava ameaçado. A problematização tocou num âmbito sólido e o derreteu ou amoleceu. Atravessados pelos questionamentos, adotou-se uma divisão do tempo para cada grupo ou pessoa participar, estabeleceu-se que cada jogo duraria em torno de 5 minutos. Diferentes corpos passaram a vivenciar, experimentar, o futebol.

No encontro seguinte a conversa se inicia pautando o ocorrido. “O que vocês acharam da aula passada?”. “Ah, foi legal. Antes só os meninos jogavam e a gente ficava olhando. Agora foi igual, todo mundo teve oportunidade”. “É verdade”. A leitura estudantil acerca das cenas experimentadas possibilitou adentrar num caminho ainda não vivido. Buliu-se na exclusividade, na segregação. Dirigimo-nos à quadra novamente, promovemos a vivência, o espaço foi aberto para quem quisesse jogar.

Estávamos crentes da possibilidade de reencontro, de nova aula para dialogar sobre as construções, mas não ocorreu. O ano de 2019 caminhou para seu encerramento, surgiram reuniões, eventos e o trabalho ficou com gosto de quero mais. As conversas, bem como as gestualidades produzidas, precisavam de mais. Saímos para curtir as férias como nos anos anteriores, mas o futuro, como sempre, resguardava-nos surpresas, porém nada agradáveis.

O ano letivo de 2020 começou e junto dele a ansiedade deu as caras, ressurgiu. Tivemos a felicidade de receber as mesmas turmas no período vespertino. A aflição por não conhecer as/os educandas/os estava arrefecida. Num momento de total descontração, um bate-papo sobre as férias e as tematizações organizadas e constituídas no ano anterior, rememoramos cenas, discussões, vivências, demos risadas, zombamos das práticas educacionais que tentam castrar e tolher a criatividade. Enfim, nos acolhemos.

Ao decidir continuar o trabalho com futebol, recomeçamos com a leitura dos textos “As origens”, “Friedenreich”, “Barbosa” e “Da mutilação à plenitude” do livro *Futebol ao sol e à sombra* do escritor uruguaio Eduardo Galeano. A subjetividade autorizada a jogar mais uma vez fez parte da conversa. Pudemos perceber qual corpo estava posto como legítimo a jogar, ou melhor, buscamos identificar quais foram arremessados para a clandestinidade, a não-existência. As leituras levaram à compreensão do quanto pessoas negras tiveram de violar, alterar, mutilar sua estética nos primórdios da prática do futebol. Tudo em nome de um processo de higienização da sociedade.



Fonte: Google Imagens

A oportunidade de vivenciar o futebol na quadra nos atravessou, a turma estava entusiasmada com a retomada. Ao chegar no espaço, formaram-se grupos. Algumas cenas do ano anterior se repetiram: a exclusividade de uns jogando enquanto outros permaneciam

observando. Foi necessário parar, interromper, refletir. As coisas estavam no singular, era fundamental virar a chave, pluralizar, falar em corpos, fazer o espaço quadra ser ocupado pela multiplicidade.

“Não, eu quero jogar com ela”. “Já estou naquele time ali”. “Pega o colete lá”. “Cinco minutos acaba e saem os dois grupos”. Teve quem correu, tocou, chutou, recebeu, defendeu, reclamou, ficou parado, gritou, chateou-se, alegrou-se, suou, envergonhou-se, ficou nervoso, deu risada. Cada um/a atuou ao seu modo. Importante destacar que esse atuar não é fazer o que bem quer - “Seria possível jogar futebol fazendo o que bem deseja?” Dispensamos as correções de movimentos, as receitas, os modelos, a gestualidade de cada um/a fez parte da construção do jogo.

À medida que as situações de jogo ocorriam buscávamos compreendê-las coletivamente - lateral, tiro de meta, escanteio, falta, barreira, recuada, pênalti. Quem sabia o significado partilhava, explicava aos demais. Pouco a pouco alguns/algumas entraram, tomaram coragem, contagiaram-se, compuseram, trocaram, jogaram, mas não demorou muito e logo saíram da quadra, cansadas/os, desgostosas/os, chateadas/os, alegres, suadas/os.

Novo encontro, outra aula - “Professor, as meninas saíram porque os meninos não passavam a bola”, “elas não se mexem”. O descontentamento estava exposto. “O que faremos?” Elas preferiram atuar entre elas. Dirigimo-nos à quadra, elas quiseram aguardar, queriam se organizar primeiro. Passaram-se cinco minutos. “Já?” “Sim, é a gente”. “Essas meninas, viu”. As subjetividades autorizadas a comporem foram postas novamente, elas, as intrusas, estavam cutucando a estrutura que mantém determinados corpos em destaque em detrimento da violação e apagamento. Entre um jogo e outro, misturaram-se, meninos e meninas, foi breve.

Motivados pelos acontecimentos anteriores buscamos assistir parte do [documentário](#) Brasil Football Club, a fim de intensificar as percepções acerca das subjetividades autorizadas a participar nos primórdios da modalidade no nosso país. O corpo masculino, branco e da elite era naturalmente aceito no interior da prática. Símbolo de virtude, o futebol dava ao homem e à sua família requintes de uma cultura europeia. Ir ao estádio era uma celebração luxuosa, para poucos, que enriquecia o espírito, a condição, a moral, dos sujeitos envolvidos.

Dentro desse debate, buscamos identificar quais foram as primeiras equipes a admitir corpos negros em seu quadro de jogadores. Ponte Preta, em São Paulo e Vasco e Bangu, no Rio de Janeiro, deram o ponta pé do enegrecimento do futebol brasileiro. Observei que a conversa estava mais voltada ao Sul geográfico do Brasil. O documentário supracitado, bem como os sites acessados - [Observatório do Futebol](#) e [Geledés](#) - davam conta de acontecimentos vividos apenas no eixo Rio-São Paulo.

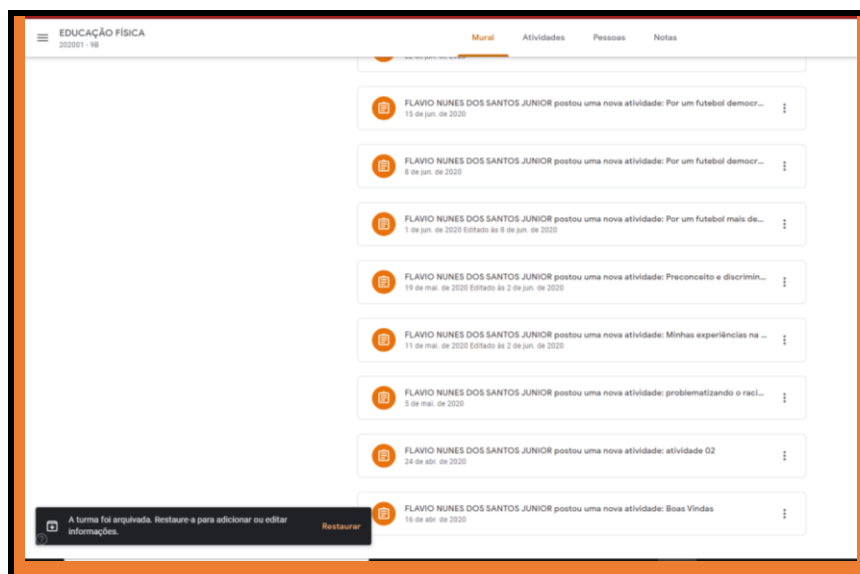
Como foi a relação entre negros e o futebol em outras regiões? Será que em outros estados do Brasil as pessoas não jogavam futebol? Movidos por essas perguntas [notamos](#) que no estado do Amazonas existiu o Euterpe Football Club. Um dos primeiros times a disputar uma competição estadual tendo apenas jogadores negros, e mais, as pessoas ligadas à gestão do time também eram negras.

Vivência, encontro e produção de conhecimentos sobre o futebol na quadra. Sol, calor, suor, afetos, diálogos. As construções coletivas elevaram as relações, o enfrentamento do *status quo* fez surgir outras possibilidades de promover o futebol. A mistura dos corpos no ambiente chamou a atenção. Algumas meninas se arriscaram a jogar com eles. Dispuseram-se a ficar no gol, na linha, levaram carrinho, chutaram ao gol, deixaram a bola escapar, fizeram gol, passaram, xingaram, falaram palavrão. A moralidade foi chutada para fora. Certamente, isso elevou a aula, conduzindo-a para um outro lugar. O olhar para a multiplicidade atravessava o grupo.

A profissionalização do futebol fez parte dos diálogos, pois observávamos pessoas da comunidade recebendo dinheiro para atuar nos campos da região. Diversas vezes se ouvia: “O Caíque [membro da comunidade] ganha dinheiro”. Pergunto à turma: “Será que isso sempre foi permitido?” “As pessoas sempre ganharam dinheiro para jogar futebol?” Para discutir o assunto, realizamos a leitura do texto “Profissionalismo”, também presente na coletânea *Futebol ao sol e à sombra*.

A pandemia de Covid-19 bateu à porta, algumas autoridades ligadas à área da saúde nos alertavam dos riscos impostos e os cuidados necessários a serem tomados a fim de mitigar os efeitos do coronavírus. A Prefeitura de São Paulo, em 16 de março, decretou situação de emergência no município para enfrentamento da pandemia decorrente do coronavírus. A presença de estudantes, bem como de docentes e funcionárias/os no espaço escolar foi interrompida. As aulas foram suspensas. O uso de máscara e o distanciamento social entraram no radar.

Passado um mês, segunda quinzena de abril, nos apresentaram a plataforma *Google Sala de Aula*, ferramenta virtual que promete colaborar para o processo de ensino e aprendizagem. A rede municipal de São Paulo se responsabilizou pelo cadastro de todos os estudantes e docentes. A gestão da unidade agendou uma reunião pedagógica para explicar o funcionamento, partilha de materiais, confecções de tutoriais aos educandos, sobre como acessar e navegar no site. Ficou acordado que as postagens de atividades seriam semanais, às segundas-feiras.



Fonte:: Arquivo pessoal do autor

Dúvidas assombravam a todos/as, o ineditismo da situação afirmou ainda mais a incerteza. Até quando usaremos esse recurso? A pandemia chegará ao seu fim em breve? Quando retornaremos à escola? Será que um dia nos veremos novamente na escola? Teremos outras oportunidades para vivenciar juntos o futebol? Será que teremos chance de dialogar presencialmente sobre o tema?

Além dessas questões acerca do retorno à normalidade, também surgiu a preocupação sobre o uso e o acesso à plataforma *Google Sala de Aula*. Como organizar o trabalho nessa condição? Qual linguagem adotar? Qual formato de atividade sugerir? Como os estudantes vão receber esse material? Que relação se criará com o material? Será que vão aprender?

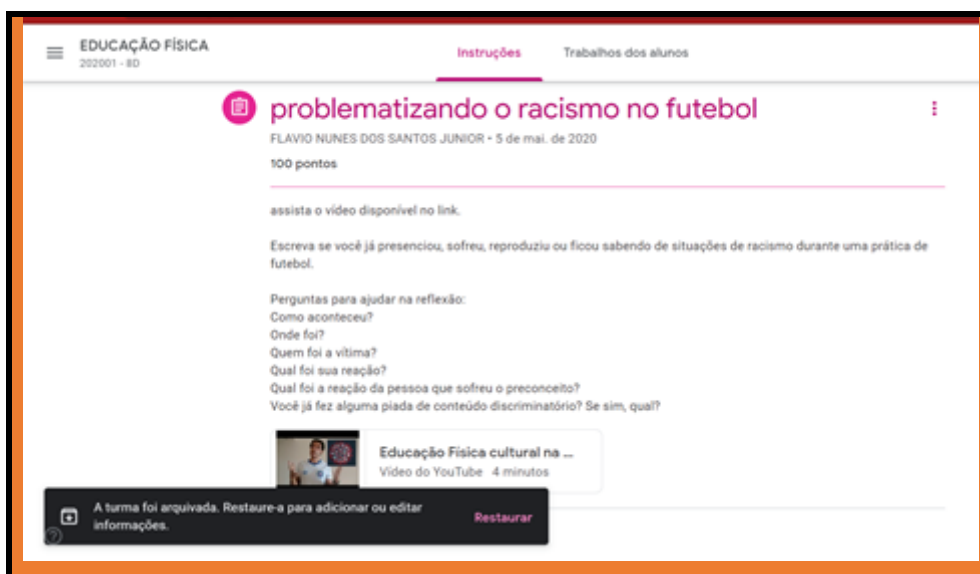
A escola se localiza no extremo sul da cidade de São Paulo, um território composto majoritariamente de corpos negros. Subjetividade empurrada ao longo da história para a borda da sociedade, que nos últimos anos vem se deslocando cada vez mais para o desemprego, sofrendo com a baixa remuneração, subemprego e informalidade. Novas perguntas se avizinharam, atravessaram nosso pensamento: será que todos/as os/as estudantes conseguirão se alimentar? Caso venham a ter dificuldades conseguirão estudar? Será que têm celular ou computador? Será que possuem acesso à internet que permita operar no *Google Sala de Aula*? Será que possuem um ambiente favorável (silencioso com móveis adequados) para promoção dos estudos? Será que farão as atividades sugeridas pelos/as professores/as?

Diante de tantas dúvidas e aumento de incertezas, a atividade inicial foi uma espécie de acolhimento, conversa; perguntas atravessadas pela preocupação em saber como os/as estudantes estavam enfrentando o caos instalado pela pandemia. Em meio a esse momento,

procuramos estudar formatos que dialogassem com as condições vividas pela maioria. Passamos a assistir tutoriais de como criar formulários, gravar e editar vídeos e imagens.

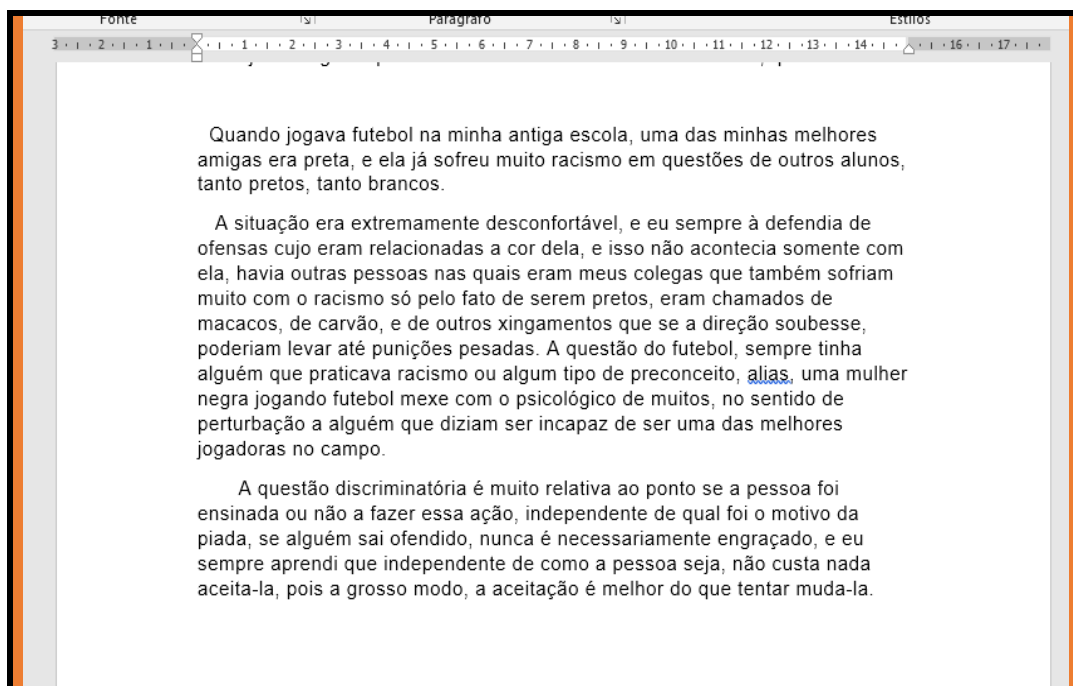
O primeiro [vídeo](#) gravado buscou retomar e analisar o percurso traçado antes da pandemia. Retomamos as razões que motivaram a selecionar o futebol como tema, as discussões constituídas coletivamente e as variadas vivências experimentadas, especialmente com discentes do Ensino Fundamental I. O material abriu o convite a todos/as para rememorarem o que fora vivido nas salas e na quadra.

Lembrado o percurso, o passo seguinte foi abordar o marcador étnico-racial que atravessa a ocorrência do futebol. Alguns/mas estudantes recordaram as discussões acerca da conduta de branqueamento dos corpos negros na chegada do futebol ao Brasil. Infelizmente, as cenas racistas não se encerraram, passaram apenas por uma atualização. Sabendo disso, as/os estudantes foram convidadas/os a refletir sobre a situação com o [vídeo](#) elaborado para a atividade “Problematizando o racismo”.

A screenshot of a Google Classroom assignment page. The page is titled "EDUCAÇÃO FÍSICA" and "202001 - 8D". The assignment is titled "problematizando o racismo no futebol" and was created by "FLAVIO NUNES DOS SANTOS JUNIOR" on "5 de mai. de 2020". It is worth "100 pontos". The instructions state: "assista o vídeo disponível no link." and "Escreva se você já presenciou, sofreu, reproduziu ou ficou sabendo de situações de racismo durante uma prática de futebol." Below the instructions are several reflection questions: "Perguntas para ajudar na reflexão: Como aconteceu? Onde foi? Quem foi a vítima? Qual foi sua reação? Qual foi a reação da pessoa que sofreu o preconceito? Você já fez alguma piada de conteúdo discriminatório? Se sim, qual?". At the bottom, there is a video player showing a thumbnail of a person and the text "Educação Física cultural na ... Vídeo do YouTube 4 minutos". A notification at the bottom left says "A turma foi arquivada. Restaura-a para adicionar ou editar informações." with a "Restaurar" button.

Fonte: Arquivo do autor

Em meio às conversas tecidas virtualmente, postagens provocativas e críticas embaraçosas constituíram o percurso. Mensagens que permitiram um caminhar ímpar da tematização.



Fonte: Arquivo pessoal do autor



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A mensagem postada por duas estudantes motivou a criação de um material capaz de instigar os/as demais para a análise proposta. Tratavam das mulheres, da feminilidade negra, do corpo trans presentes no futebol. O [vídeo](#) da atividade com o título “Preconceito e discriminação no futebol” disparou outras conversas.

EDUCAÇÃO FÍSICA
202001 - 9B

Instruções Trabalhos dos alunos

Preconceito e discriminação no futebol

FLAVIO NUNES DOS SANTOS JUNIOR · 19 de mai. de 2020 Editado às 2 de jun. de 2020

100 pontos Data de entrega: 8 de jun. de 2020

Olá
A proposta dessa atividade tem como disparador a fala de duas estudantes.
Assista o vídeo disponibilizado no link abaixo e elabore um registro (pode ser em: vídeo, texto, áudio) sobre o que as duas colegas disseram.

Pontos para ajudar (fique a vontade para seguir ou não)
A fala das colegas é pertinente? EXPLIQUE.
Você concorda? Por que?

Futebol na quarentena IV
Vídeo do YouTube 2 minutos

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Ao visualizarem e perceberem o que as educandas haviam dito na atividade, as/os estudantes fizeram os seguintes destaques:

Instruções Trabalhos dos alunos

LUANA NICOLE SANTOS NASCIMENTO Nenhuma nota

Devolvido Ver histórico

2 comentários particulares

LUANA NICOLE SANTOS NASCIMENTO 21 de mai. de 2020

Sim é pertinente, porque uma mulher branca jogando futebol já incomoda muito, uma mulher negra faz basicamente vamos dizer que um estrago

Eu concordo porque, as mulheres são muito esquecidas nessa coisa de esportes, principalmente no futebol, vejo muitos meninos da escola julgando não deixando algumas jogarem por conta de serem mulheres, e precisamos mudar isso, porque nós nos ofendemos com certos tipos de brincadeiras em relação a isso, as pessoas tem que entender que todos somos iguais todos podemos o que queremos!!

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

GABRIEL COSTA DO CARMO Nenhuma nota

Devolvido Ver histórico

2 comentários particulares

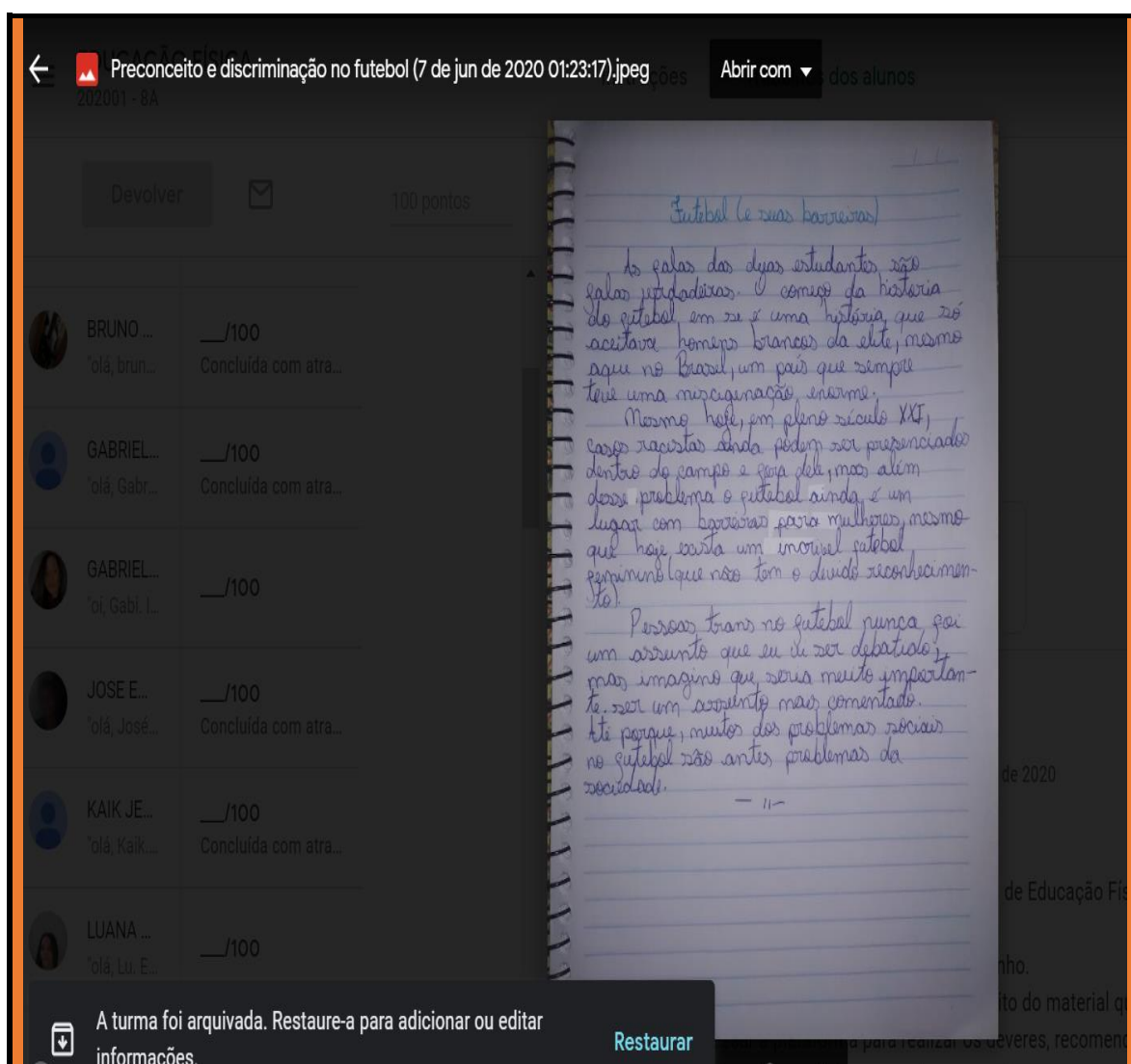
GABRIEL COSTA DO CARMO 11 de jun. de 2020

É uma resposta contingente minha mas a sociedade do futebol como fiz o professor Flávio é: "machista, homofóbica, racista, classista, transóbica." Sendo assim, quando você ver uma pessoa sofrendo preconceito por uma dessas razões citadas ou não, se junte a ela, fique do lado dela, faça algo para tutorar ela... Se grande parte da comunidade pensar assim acredito eu que a situação melhorará.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Partilhar o comentário das estudantes suscitou reflexões impensáveis. Os apontamentos fizeram eclodir a multiplicidade, as diferenças no interior do marcador mulher – “uma mulher branca jogando futebol já incomoda muito, uma mulher negra faz basicamente, vamos dizer, que um estrago”. Recordaram o quanto as ações masculinas, no interior das vivências, empurram os corpos femininos para a posição de expectador – “vejo muitos meninos da escola julgando, não deixando algumas jogarem”. A solidariedade à dor causada pela discriminação foi colocada no horizonte: “quando você ver uma pessoa sofrendo preconceito por uma dessas razões citadas ou não se junte a ela”. O nome da jogadora Marta veio à tona como exemplo de inclusão das mulheres. Tampouco passou batido o reflexo das mazelas e injustiças sociais na ocorrência do futebol: “muitos dos problemas sociais no futebol, são antes problemas da sociedade”.

Na busca por alcançar mais estudantes com os materiais publicizados, enveredamos pelas redes sociais. Procedimento considerado extraoficial pela organização escolar. O desejo de ouvir, de dialogar com o maior número possível de educandos/as despertou essa iniciativa. Numa das conversas via WhatsApp, chegou a seguinte mensagem: “Ae, professor, não concordo com essas meninas não”. “Ah é, Mazza? Por quê?”. “Ah, professor, a gente vê a Formiga, a Marta, mulheres negras que jogam futebol na seleção brasileira”.

As afirmações disseminadas pelas/os educandas/os a respeito dos corpos femininos envolvidos no futebol colocaram a necessidade de buscar as vozes das praticantes. Eu, professor, homem, hétero, não tenho legitimidade alguma para falar em nome delas. Oportunizar o acesso à narrativa das mulheres se fez urgente. Contatamos a professora Priscila e a educadora Jamira. A primeira, docente da unidade engajada no movimento feminista negro, lecionava para algumas turmas do Ensino Fundamental I, enquanto a segunda, educadora social na região do Jardim São Luís, feminista, negra e praticante de futebol. Além delas, também tivemos a felicidade de contar com a fala do Rafa, homem trans, negro, representante da modalidade, pertencente ao time Meninos Bom de Bola.

EDUCAÇÃO FÍSICA
202001 - 8D

Instruções Trabalhos dos alunos

Por um futebol mais democrático

FLAVIO NUNES DOS SANTOS JUNIOR • 1 de jun. de 2020 Editado às 8 de jun. de 2020

100 pontos Data de entrega: 15 de jun. de 2020

Vamos para mais um momento do nosso estudo acerca do futebol.
Os vídeos disponibilizados foram produzidos a partir da fala de um dos colegas a respeito da opinião das meninas.
A proposta dessa atividade é para que dialoguem com alguém sobre o conteúdo dos vídeos e envie a reflexão que fizeram juntxs.

Qual pessoa você procurou para conversar?
Escreva o opinião da pessoa que você procurou para dialogar.
Escreva a sua opinião sobre o conteúdo dos vídeos.

OBSERVAÇÃO: pode dialogar com alguém da sua turma, familiar, amigxs, vizinhxs...

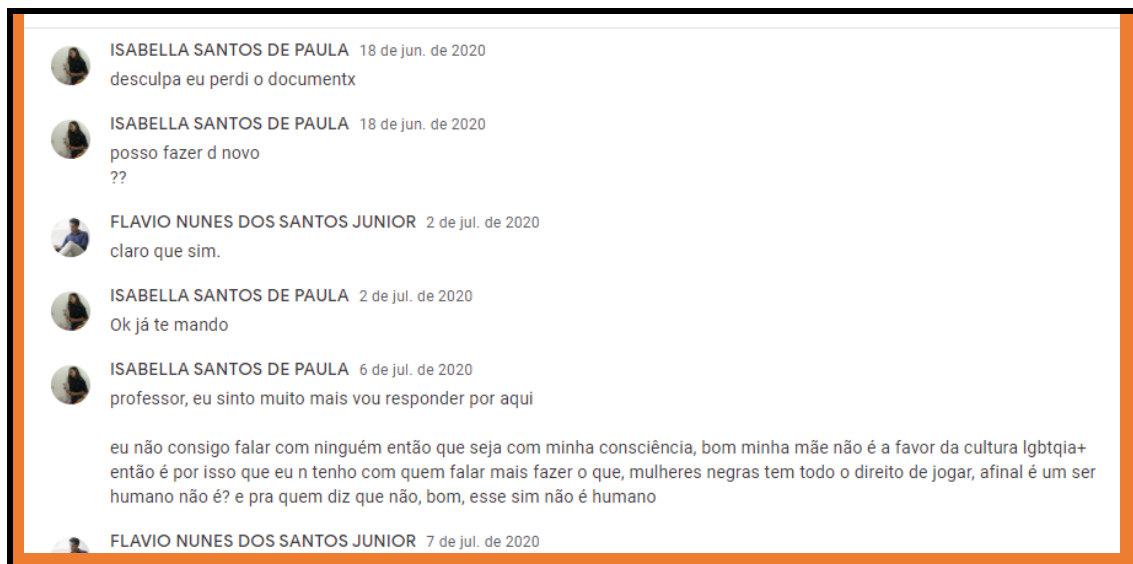
Futebol e a mulher negra
Vídeo do YouTube 5 minutos

Por um futebol mais democrático
Vídeo do YouTube 16 minutos

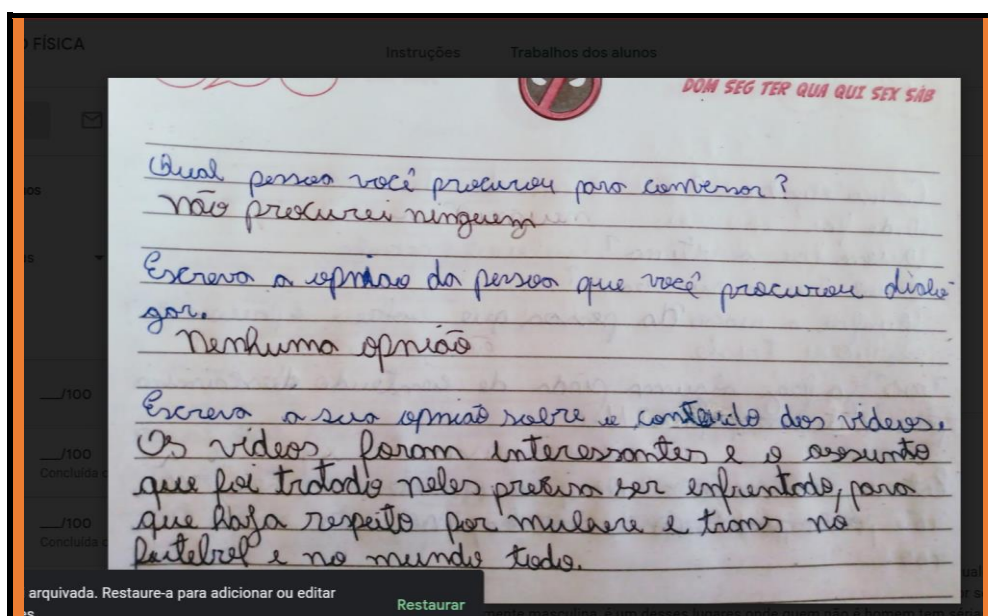
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Com a atividade “Por um futebol mais democrático”, no [vídeo](#) gravado, professora Priscila elucidou a violência do discurso racista que atravessa a estética do corpo feminino negro na sociedade, gerando ressonâncias significativas na inserção dessas mulheres em diversas práticas culturais, principalmente no esporte.

Em coprodução com o professor Felipe, o [vídeo](#) sugerido com a participação da de Jamira e Rafa possibilitou conduzir a conversa sobre os marcadores de gênero, raça e sexualidade. Formas de se viver e existir longe da condição hegemônica entraram em cena. Ela e ele tiveram o cuidado de expor suas experiências jogando futebol, bem como as estruturas ligadas ao esporte na sociedade em geral que exaltam um modo de performá-lo e os corpos autorizados a praticarem-no, ao passo que violentam certas subjetividades e empurram determinados modos de jogar para a não existência.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

LUANA NICOLE SANTOS NASCIMENTO

Entregue com atraso Ver histórico

Nenhuma nota

 3 comentários particulares

 **LUANA NICOLE SANTOS NASCIMENTO** 16 de jun. de 2020

Minha mãe: ela acha que a mulher negra no futebol, é algo muito importante e que não tem muitas mulheres negras jogando futebol, e temos que mudar isso

 **LUANA NICOLE SANTOS NASCIMENTO** 16 de jun. de 2020

Eu achei os vídeos, bem legais concordo com algumas coisas que eles disseram principalmente com a professora Pricila, ainda mais nisso de que uma mulher negra sempre cria os filhos sozinhas, acho que isso acontece com quase todas as mulheres em si!, Acho que isso entra muito na questão do aborto, então tem tudo aquilo da mulher querer o filho ou não, se vai ter as condições de criar aquela criança.

 **FLAVIO NUNES DOS SANTOS JUNIOR** 18 de jun. de 2020

olá. Lu

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Qual pessoa você procurou para conversar ? r: Eu procurei minha mãe para podermos conversar a respeito do assunto !

Opinião da minha mãe: Ah isso é um assunto muito bom, e que deve ser abordado em todas as escola, na minha opinião, falar sobre LGBTQ+ deveria ser um ensino né, ensinar as crianças a respeitar uns aos outros, manter o respeito ao próximo. Também tem o tema RACISMO, que é um dos assuntos mais falado ultimamente né, e eu como Preta, pretendo lutar por essa causa sim e vou lutar sempre !!!!

Minha opinião: Bom, minha opinião é basicamente igual a da minha mãe, os jovens de hoje em dia estão lutando por essa causa (LGBTQ+ e RACISMO, um dos assuntos mais comentados da atualidade). E eu também pretendo lutar por isso!! Concordo plenamente com o que a Professora Priscila, o Rafa e a Jamira disseram, falaram realidades sérias !!!! Assuntos como esses devem ser mais abordados, mais comentados nas escolas etc.....

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

BRUNO LIMA SANTOS Nenhuma nota

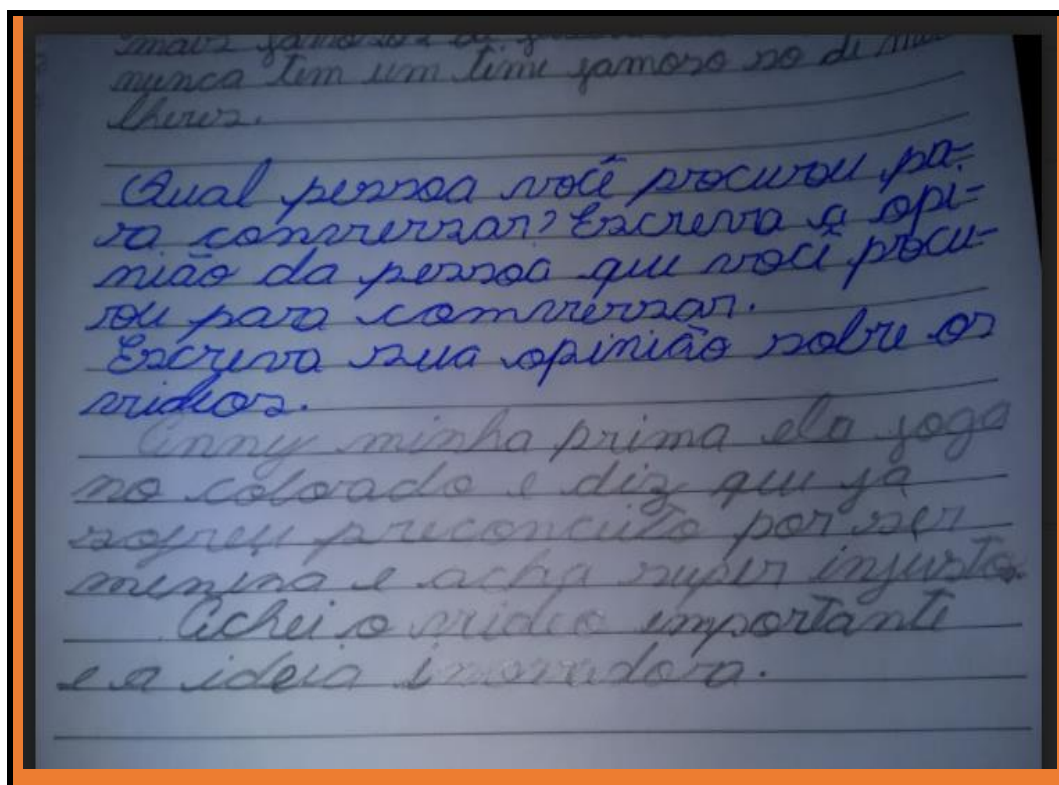
Devolvido Ver histórico

2 comentários particulares

BRUNO LIMA SANTOS 5 de jun. de 2020

A opinião foi da minha irmã que é uma feminista também ela falou que as mulheres sim tem o direito como todos de jogar o futebol e terem o sonho de serem grandes jogadoras, mais graças a sociedade muitas meninas são desinteressadas pela pratica do futebol pois a sociedade impõe que as meninas tem que brincar de boneca e os meninos de bola e isso é errado as meninas tem que brincar do que quiserem e os meninos tbm isso não afetaria a masculinidade dos meninos e nem a postura das meninas pois ainda são crianças e tem muito caminho pela frente pra resolverem oq querem ser. foi isso

Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

As manifestações dos/as estudantes nutriram os fluxos, abatendo a solidão imposta pelo isolamento social. Produziram ares de esperança e saudades por novos encontros presenciais. Instalou-se o desejo de voltar a aproximar os corpos, os órgãos, os sentidos. A atividade postada sugeriu uma conversa dos estudantes com alguém próximo. A reflexão acerca das falas dos/as participantes e representantes deu-se na ordem da coletividade, alcançando diferentes sujeitos. O diálogo aconteceu com a irmã, a mãe, o irmão. Teve quem preferiu não dialogar com receio de possíveis retaliações. De modo geral, as postagens nos levam a entender que as/os

educandas/os consideram relevante tratar do assunto e entendem ser possível existir diferentes formas de viver o afeto, a feminilidade, a masculinidade, a negritude.

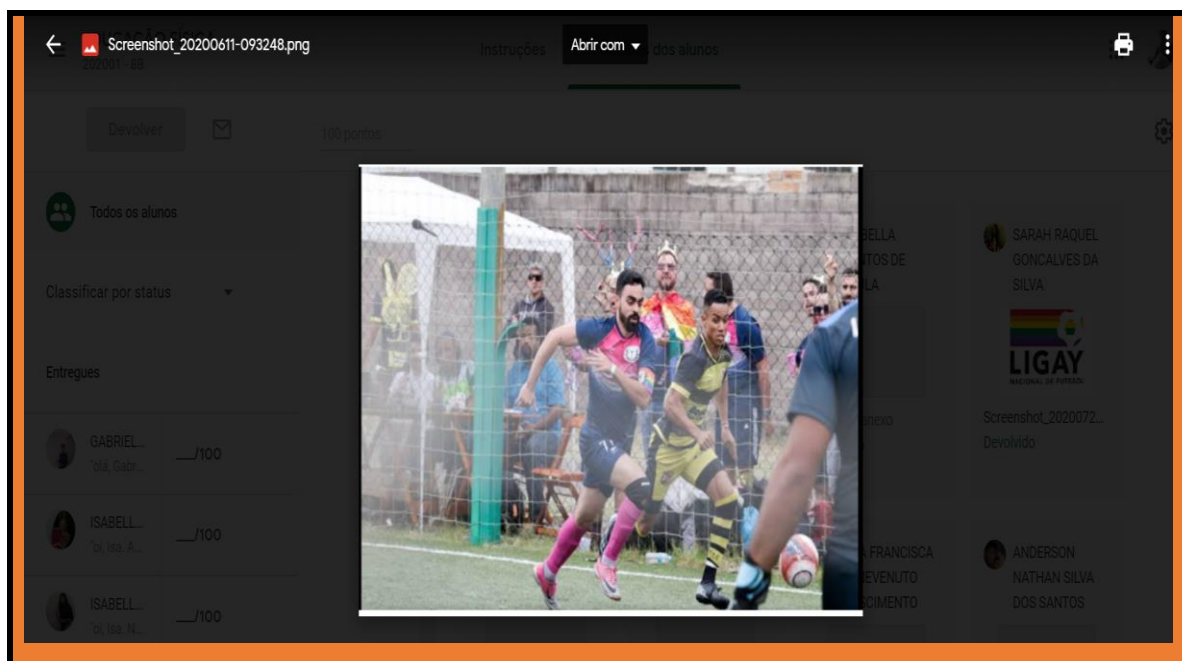
The screenshot shows a Canvas LMS assignment page. At the top, it says 'EDUCAÇÃO FÍSICA' and '202001 - 8B'. The assignment title is 'Por um futebol democrático II' by 'FLAVIO NUNES DOS SANTOS JUNIOR' on '8 de jun. de 2020', worth '100 pontos'. The instructions are: '(Re)Assista o video em anexo, atente-se para as falas da professora Jamira e do educador Rafa. Acesse o google imagens, baixe uma foto/imagem da ligay ou da copa da diversidade. Poste aqui a imagem que você baixou e comente a respeito.' Below the instructions, there is a video thumbnail titled 'Por um futebol mais democr...' and a notification at the bottom: 'A turma foi arquivada. Restaure-a para adicionar ou editar informações. Restaurar'.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Movidos pelas falas dos representantes, tentou-se intensificar a ampliação dos olhares sobre a modalidade. Dedicar uma semana para apreciar o material produzido por Rafa, Jamira e Priscila mostrou-se insuficiente. Em mais uma segunda-feira as/os estudantes foram convidadas/os a pesquisar na internet imagens relacionadas à ocorrência social do futebol produzido por corpos da comunidade LGBTQIA+.

The screenshot shows a submission for the assignment 'Por um futebol democrático II' by 'GABRIELLY ALVES SOUSA' on '29 de jun. de 2020, 23:02'. The submission includes a video thumbnail titled 'meninos-bons-de-bola-e1561129536682.jpg' showing a group of men in a soccer uniform. The comment reads: '1) Bom aqui na primeira imagem vemos um time de Homens Trans, que, como o Educador Rafa disse, esse é o time que ele participa, onde só a pessoas Trans. Eu acho isso uma das melhores atitudes que já vi !! Homens Trans se juntarem para fazer um time de futebol, eu amei a atitude deles ! 2) Professor eu sei que é só uma imagem, mas quando eu vi essas duas ultimas, meus olhos brilharam. Você consegue ver a felicidade dessas pessoas, o empoderamento, a confiança. Eu simplesmente amei as duas ultimas imagens, a primeira também !!!' The submission is from 'FLAVIO NUNES DOS SA...' on '30 de jun. de 2020, 17:58'.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Diante de postagens e comentários, julgamos pertinente alongar a conversa, esticar as narrativas, as fontes. O coletivo de estudantes foi provocado com a disponibilidade de dois outros vídeos disponíveis no YouTube. [Champions Ligay: chuteiras fora do armário](#), que apresenta as vozes de quem vem performando a modalidade longe da violência imposta pelo padrão heteronormativo, e [Futebol feminino: quem disse que mulher não joga bola](#), uma produção do Canal

USP que expõe a resistência e os desafios históricos enfrentados pelas mulheres para se inserirem no futebol.

EDUCAÇÃO FÍSICA
202001 - 8B

Instruções Trabalhos dos alunos

Por um futebol democrático III

FLAVIO NUNES DOS SANTOS JUNIOR · 15 de jun. de 2020

100 pontos

As respostas enviadas nas tarefas anteriores estão muito interessante. Confesso que estou aprendendo muito com vocês.

A intenção dessa atividade é aprofundar nossos conhecimentos acerca do futebol feminino e do futebol produzido pela comunidade LGBTQI+, uma continuidade da fala da professora Priscila, bem como dos convidadxs Jamira e Rafa. O vídeo 01 (Champions LiGay) traz o posicionamento de pessoas que acessam campeonatos de futebol produzido pela comunidade LGBTQI+. O segundo traz uma entrevista com duas pesquisadoras da USP que investigaram o futebol feminino no Brasil.

Assista os vídeos em anexo e escreva:

- 1 Por que a comunidade LGBTQI+ precisou organizar um campeonato próprio?
- 2 Oficialmente o futebol feminino existe há 37 anos, enquanto o masculino ocorre há 126 anos, uma diferença de 89 anos. Observando a fala de uma das entrevistadas percebe-se que não é só o machismo que assombra o futebol feminino, existem outros preconceitos. Escreva quais são esses preconceitos.
- 3 O que mais te chamou a atenção nos dois vídeos?

Champions LiGay: chuteiras ...
Vídeo do YouTube 4 minutos

Futebol Feminino - Quem di...
Vídeo do YouTube 5 minutos

A turma foi arquivada. Restaure-a para adicionar ou editar informações. Restaurar

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

LUANA NICOLE SANTOS NASCIMENTO

Nenhuma nota

Devolvido Ver histórico

2 comentários particulares

LUANA NICOLE SANTOS NASCIMENTO 23 de jun. de 2020

- 1- Foi criado para que conseguissem discutir a pauta e mostrar que o esporte não escolhe orientação sexual nem nada do gênero.
- 2-Além do machismo tem o Homofobia/ Lesbofobia e também o racismo que é a nossa pauta.
- 3- No primeiro vídeo, é os homens falando sobre o preconceito eu fiquei muito chateada em saber que eles precisaram criar um time de futebol para jogarem em si (os gays) porque as outras pessoas da sociedade tem o preconceito. No segundo foi as mulheres falando sobre sofrerem o preconceito por serem lésbicas esse era um dos preconceitos que meninas da escola mais sofrem, temos que acabar com isso.

FLAVIO NUNES DOS SANTOS JUNIOR 25 de jun. de 2020

oi, Luana
Espero que esteja bem.

colocado. Suas observações foram precisas.

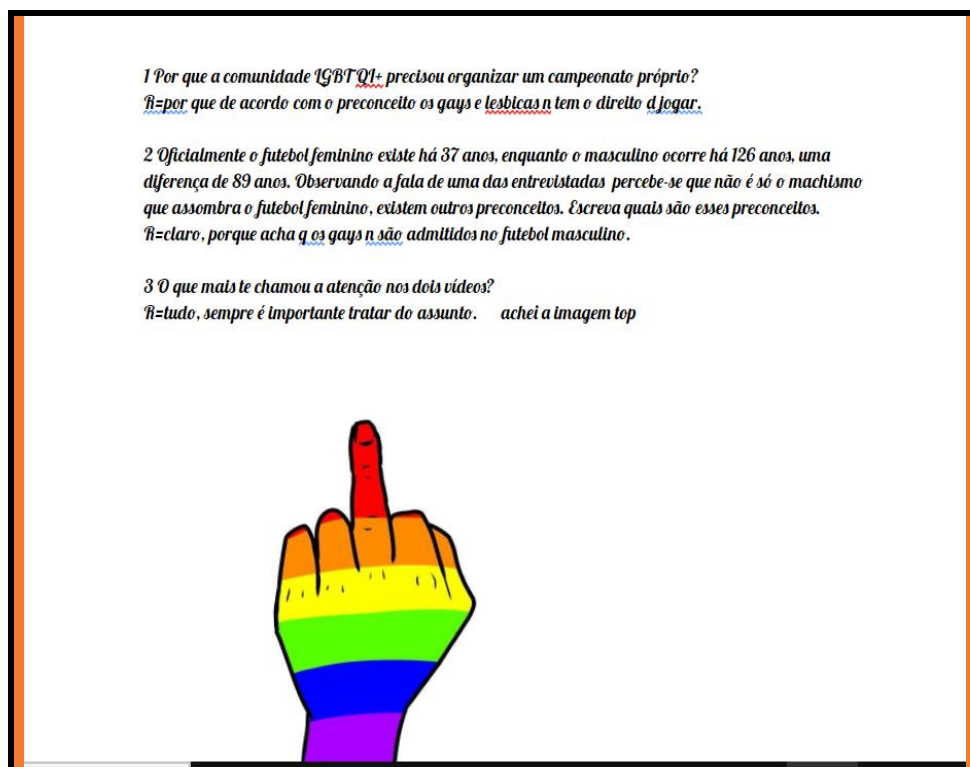
os vídeos é que eles trazem as vozes de quem sofre cotidianamente com esses preconceitos.

os seus colegas possam se afetar com eles (vídeos) e mudarem de opinião.

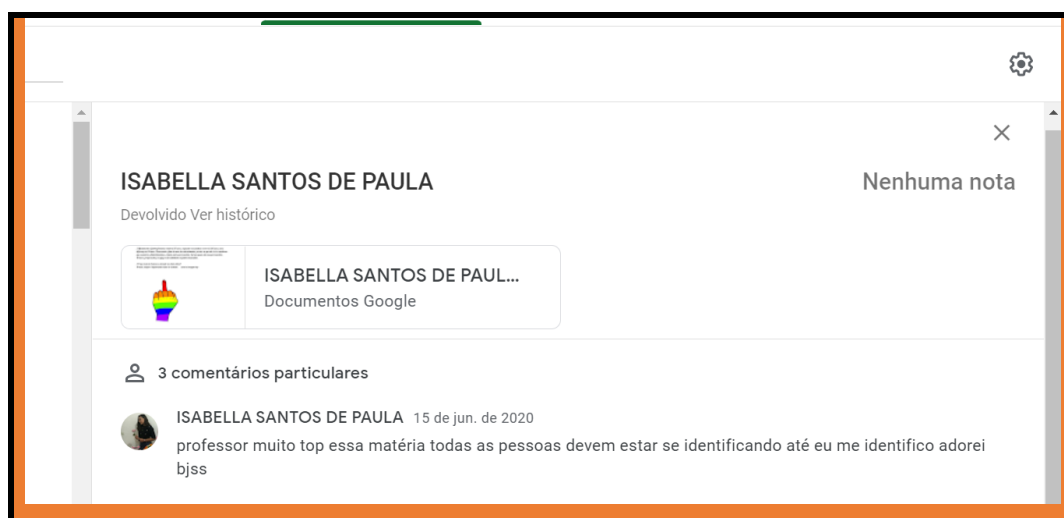
Abraços, querida.

Restaurar

Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

As intenções que levaram os corpos pertencentes à comunidade LGBTQIA+ a se auto-organizar para se inserir no futebol compôs o diálogo. As narrativas machistas, lesbofóbicas e racistas que acompanham a ocorrência da modalidade feminina também moveram o pensamento. Dois coletivos que borram a hegemonia esportiva pautada na biologia e fazem do futebol um lugar político, de rebeldia e resistência. Olhando as respostas à atividade encaminhadas pelas estudantes constata-se uma arena que contribui para discutir a pauta do

movimento e dar o dedo para a estrutura colonial e patriarcal que acompanha a versão dominante do esporte.

Por ora, cabe dizer que a tematização se constituiu de modo muito peculiar, conforme as demandas de cada momento. Iniciada em 2019, teceram-se encontros que buscaram identificar como os/as estudantes pensavam, quais lugares acessavam e em quais notavam a prática, acontecimentos ou fatos que ganharam circulação. Oportunizou-se o diálogo com pessoas da região, a fim de dar visibilidade à luta pela manutenção e preservação dos espaços. Vivenciou-se o futebol de modo a sacudir uma organização que mantinha privilégios e exclusões de forma naturalizada. Seguindo com o trabalho, em 2020 intensificaram-se as problematizações das subjetividades autorizadas, pois ao retornar das férias algumas situações de segregação se repetiram, o que levou a olhar os processos de luta que envolvem os diferentes corpos. Veio a pandemia e com ela um pacote de aflições, angústias e preocupações, a tematização seguiu, as conversas virtuais nos aproximaram mesmo estando distantes fisicamente. Dentro das condições possíveis, intencionou-se potencializar as vozes, os corpos, as vidas, de quem permanece em constante estado de crise, quarentena.